

Produção Científica e Experiências Exitosas na Educação Brasileira 5

**Keyla Christina Almeida Portela
Alexandre José Schumacher
(Organizadores)**



Atena
Editora
Ano 2019

Keyla Christina Almeida Portela
Alexandre José Schumacher
(Organizadores)

Produção Científica e Experiências Exitosas na Educação Brasileira 5

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 Produção científica e experiências exitosas na educação brasileira 5
[recurso eletrônico] / Organizadores Keyla Christina Almeida
Portela, Alexandre José Schumacher. – Ponta Grossa, PR: Atena
Editora, 2019. – (Produção Científica e Experiências Exitosas na
Educação Brasileira; v. 5)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-555-6

DOI 10.22533/at.ed.556192008

1. Educação – Pesquisa – Brasil. 2. Professores – Formação –
Brasil. I. Portela, Keyla Christina Almeida. II. Schumacher, Alexandre
José. III. Série.

CDD 370.71

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

APRESENTAÇÃO

Os e-books intitulados “**Produção Científica e Experiências Exitosas na Educação Brasileira**” apresentam 6 volumes baseados em trabalhos e pesquisas multidisciplinares de diversos estudiosos da educação. A produção científica corrobora para o conhecimento produzido e difundido, além de fazer um papel de diálogo entre os pesquisadores e o meio científico.

Estas pesquisas têm como base os estudos multidisciplinares, que apresentam desafios em seu mapeamento, pois envolvem pesquisadores com distintas áreas de atuação. Diante desse cenário, a Atena Editora aglutinou em seis volumes uma grande diversidade acadêmico científica com vistas a uma maior contribuição multidisciplinar.

No primeiro volume encontramos trabalhos relacionados as vivências, práticas pedagógicas, desafios profissionais, formação continuada, bem como propostas de novas técnicas diante do cotidiano dos pesquisadores.

No segundo volume nos deparamos com estudos realizados no âmbito da educação especial, bullying, educação inclusiva e direitos humanos, bem como com políticas educacionais. Neste capítulo, buscou-se apresentar pesquisas que demonstrem aos leitores as experiências e estudos que os pesquisadores desenvolveram sobre os direitos e experiências educacionais.

No terceiro volume temos como temas: as tecnologias e mídias digitais, recursos audiovisuais, formação de jovens e adultos, currículo escolar, avaliação da educação, mudança epistemológica e o pensamento complexo. Neste volume, é perceptível o envolvimento dos pesquisadores em mostrar as diferenças de se ensinar por meio da tecnologia, e, também, com visão não reducionista, ou seja, o ensinar recorrendo a uma rede de ações, interações e incertezas enfrentando a diversidade humana e cultural.

No quarto volume, encontra-se diferentes perspectivas e problematização em relação as políticas públicas, projetos educativos, projetos de investigação, o repensar da prática docente e o processo de ensino aprendizagem. Os artigos aqui reunidos exploram questões sobre a educação básica abordando elementos da formação na contemporaneidade.

No quinto volume, apresenta-se pesquisas baseadas em reflexões, métodos específicos, conceitos e novas técnicas educacionais visando demonstrar aos leitores contribuições para a formação dos professores e as rupturas paradigmáticas resultante das experiências dos autores.

Para finalizar, o sexto volume, traz relatos de experiências e análises de grupos específicos visando demonstrar aos leitores vários estudos realizados em diversas áreas do conhecimento, sendo que cada um representa as experiências dos autores diante de contextos cotidianos das práticas educacionais sob diferentes prospecções.

À todos os pesquisadores participantes, fica nossos agradecimentos pela

contribuição dos novos conhecimentos. E esperamos que estes e-books sirvam de leitura para promover novos questionamentos no núcleo central das organizações educacionais em prol de uma educação de qualidade.

Keyla Christina Almeida Portela

Alexandre José Schumacher

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A CONTRIBUIÇÃO DO PIBID NA DISSEMINAÇÃO DE PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS NO MUNICÍPIO DE MUTUÍPE-BA	
Wanderson Amorim dos Santos Arlene Andrade Malta Evonete Santos do Espírito Santo Jailson de Jesus Santos Arlei Evangelista Santos Maria da Conceição Pinheiro de Santana Rafael da Silva Santos	
DOI 10.22533/at.ed.5561920081	
CAPÍTULO 2	10
À EDUCAÇÃO FAMILIAR E O FEMINISMO ISLÂMICO COMO INSTRUMENTO DE LIBERTAÇÃO CULTURAL E SOCIAL	
Lucas Batista Carriconde Nathalia Rafaela Paes e Silva	
DOI 10.22533/at.ed.5561920082	
CAPÍTULO 3	23
O MODELO DE EDUCAÇÃO FEMININA DO FILOSOFO LUÍS ANTÓNIO VERNEY NO SÉCULO XVIII	
Dyeinne Cristina Tomé	
DOI 10.22533/at.ed.5561920083	
CAPÍTULO 4	35
MÉTODO BAMBU NO ENSINO SUPERIOR: DESENVOLVENDO POTENCIALIDADES NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE	
Mariana Boulitreau Siqueira Campos Barros Leidiane Francis de Araújo Costa Débora Morgana Soares Oliveira do Ó Reginaldo Luís da Rocha Júnior Suelayni de Azevedo Albuquerque Sílvia Elizabeth Gomes de Medeiros Soraia Lins de Arruda Costa Laís Helena de Souza Soares Lima Laryssa Grazielle Feitosa Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.5561920084	
CAPÍTULO 5	45
METODOLOGIAS ATIVAS DE APRENDIZAGEM: GESTÃO DE PROJETOS EM GERONTOLOGIA	
Maria Luisa Trindade Bestetti Tássia Monique Chiarelli	
DOI 10.22533/at.ed.5561920085	

CAPÍTULO 6 57

MODELAGEM DE FILTRO DE MICROFITA COM GEOMETRIAS DIVERSAS E DEFORMAÇÕES NO PLANO TERRA COM O PROGRAMA DE SIMULAÇÕES DE ONDA COMPLETA

Ana Paula Bezerra dos Santos
Pedro Carlos de Assis Júnior
Elder Eldervitch Carneiro de Oliveira
Rodrigo César Fonseca da Silva
Marcelo da Silva Vieira

DOI 10.22533/at.ed.5561920086

CAPÍTULO 7 66

O CONCEITO DE IDENTIDADE DOCENTE NAS PESQUISAS SOBRE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Edlauva Oliveira dos Santos
Leila Márcia Ghedin
Evandro Ghedin

DOI 10.22533/at.ed.5561920087

CAPÍTULO 8 78

O USO DO MULTIPLANO COMO RECURSO METODOLÓGICO NO ENSINO DE POLÍGONOS A ALUNOS DEFICIENTES VISUAIS

Ana Kely de Albuquerque Sousa e Souza
Abigail Fregni Lins
Patrícia Sandalo Pereira

DOI 10.22533/at.ed.5561920088

CAPÍTULO 9 87

O USO DOS JOGOS DO TEATRO DO OPRIMIDO COMO DISPOSITIVO DE MEDIAÇÃO SIMBÓLICA COM UM GRUPO DE PROFESSORAS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE BRASÍLIA

Simone Lisniowski
Sandra Francesca Conte de Almeida

DOI 10.22533/at.ed.5561920089

CAPÍTULO 10 98

OS AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE E A CIDADANIA PLANETÁRIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA EM FORMAÇÃO

José Auricélio Bernardo Cândido
Geanne Maria Costa Torres
Inês Dolores Teles Figueiredo
Maria Rosilene Cândido Moreira
Slayton Frota Sá Nogueira Neves
Francisco José Maia Pinto

DOI 10.22533/at.ed.55619200810

CAPÍTULO 11 109

OS IMPACTOS DA IMPLEMENTAÇÃO DE BUSINESS INTELLIGENCE NA GESTÃO DO DESEMPENHO ACADÊMICO: ESTUDO DE CASO NO COLÉGIO LOYOLA, EM BELO HORIZONTE (MG)

Guilherme Rodrigues Pereira
Frederico César Mafra Pereira
Jorge Tadeu Ramos Neves

DOI 10.22533/at.ed.55619200811

CAPÍTULO 12	125
A CONTRIBUIÇÃO DOS TÉCNICOS EM ASSUNTOS EDUCACIONAIS DO INSTITUTO FEDERAL DO PARANÁ NAS ATIVIDADES DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO	
Jacqueline Maria Duarte Lewandowski	
DOI 10.22533/at.ed.55619200812	
CAPÍTULO 13	135
PANORAMA DAS PUBLICAÇÕES BRASILEIRAS SOBRE PARADIDÁTICOS NO ENSINO DE QUÍMICA	
Karina Sasso Fernandes Irene Cristina de Mello	
DOI 10.22533/at.ed.55619200813	
CAPÍTULO 14	149
PERFIL DOS ESTUDANTES DE AGRONOMIA NA REGIÃO DO ALTO URUGUAI	
Edson Luiz Tonello Junior Izabele Brandão Krueel	
DOI 10.22533/at.ed.55619200814	
CAPÍTULO 15	160
PREPARAÇÃO PARA APOSENTADORIA: O QUE PENSAM OS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS?	
Janes Santos Herdy	
DOI 10.22533/at.ed.55619200815	
CAPÍTULO 16	173
REFLEXÕES ACERCA DO FENÔMENO DA TRANSGERACIONALIDADE PSÍQUICA E DA INTERDIÇÃO DE “FALAR SOBRE” COMO OBSTÁCULOS AO APRENDER PELA EXPERIÊNCIA	
Jackeline Jardim Mendonça Vera Lúcia Blum Andréia de Fátima de Souza Dembiski Daniely Cristina Santos Souza André Elias Cruz Antunes	
DOI 10.22533/at.ed.55619200816	
CAPÍTULO 17	185
REFLEXÕES ACERCA DO PROCESSO TRANSFERENCIAL E A PRODUÇÃO DE DADOS NO CAMPO DA PESQUISA COM O MÉTODO PSICANALÍTICO	
Renata Garutti Rossafa Vera Lúcia Blum André Elias Cruz Antunes	
DOI 10.22533/at.ed.55619200817	
CAPÍTULO 18	197
REFLEXÕES DA VIVÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA MODALIDADE EDUCACIONAL EJA (EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS)	
Mateus Santos Neves Heloisa de Mello	
DOI 10.22533/at.ed.55619200818	

CAPÍTULO 19	202
REFLEXÕES SOBRE A PEDAGOGIA EMPREENDEDORA A PARTIR DAS TRANSFORMAÇÕES DOS PARADIGMAS DA ESCOLA TECNICISTA	
Claudeneý Licínio Oliveira Antônio José Müller Marcos Antonio Fari Junior	
DOI 10.22533/at.ed.55619200819	
CAPÍTULO 20	218
REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS DOCENTES E O SUJEITO DISCENTE NO ENSINO SUPERIOR: CONTRIBUIÇÕES DA ANDRAGOGIA	
Alcylanna Nunes Teixeira Antoniél dos Santos Gomes Filho Tamyris Madeira de Brito Jardel Pereira da Silva Thaís Lucena Grangeiro Zuleide Fernandes de Queiroz	
DOI 10.22533/at.ed.55619200820	
CAPÍTULO 21	230
REFLEXÕES SOBRE FORMAÇÕES CONTINUADAS EM MATEMÁTICA PARA PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Malcus Cassiano Kuhn	
DOI 10.22533/at.ed.55619200821	
CAPÍTULO 22	245
RELAÇÕES FAMILIARES NA CONTEMPORANEIDADE E CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE	
Luciana Rios da Silva Elaine Pedreira Rabinovich Ivonete Barreto de Amorim	
DOI 10.22533/at.ed.55619200822	
CAPÍTULO 23	254
REPENSANDO A PRÓPRIA VIDA: AS NARRATIVAS DOS IDOSOS EM UM GRUPO DE CONVIVÊNCIA	
Laudicéia Noronha Xavier Annatália Meneses de Amorim Gomes Cleide Carneiro	
DOI 10.22533/at.ed.55619200823	
CAPÍTULO 24	265
REPRESENTAÇÕES SEMIÓTICAS DE SÓLIDOS GEOMÉTRICOS EM VÍDEO: RESULTADOS PARCIAIS	
Lucilene Dal Medico Baerle Alan Vicente Oliveira Carlos Daniel Ofugi Rodrigues Carlos Roberto da Silva Cintia Fernandes Da Silva Flávia Caraíba de Castro	
DOI 10.22533/at.ed.55619200824	

CAPÍTULO 25	276
SIMULADORES DE QUÍMICA DISPONÍVIES NO PhET COLORADO: UM ESTUDO DE CASO PARA O CONTEÚDO DENSIDADE DE MASSA	
Lílian Amancio de Pinho Gomes	
Edilson Leite da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.55619200825	
CAPÍTULO 26	289
SÍNTESE E BIOENSAIO IN VITRO DE UM CANDIDATO Á FÁRMACO	
Herbert Igor Rodrigues de Medeiros	
Bruna Barbosa Maia da Silva	
Cosme Silva Santos	
Romário Jonas de Oliveira	
Juliano Carlo Rufino de Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.55619200826	
CAPÍTULO 27	297
TRABALHO COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO: SABERES E PRÁTICAS NO CURSO TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO NO IFPA- CAMPUS RURAL DE MARABÁ	
Maria Suely Ferreira Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.55619200827	
CAPÍTULO 28	307
TRILHA URBANA PARA DESENVOLVIMENTO DA PERCEPÇÃO AMBIENTAL	
Lucélia de Almeida Santos Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.55619200828	
CAPÍTULO 29	321
UM CAMINHO ALTERNATIVO PARA A FORMAÇÃO DE FUTUROS PROFESSORES: OFICINAS DE MEDIAÇÕES DIGITAIS PELO LALUPE/UEPG	
Elenice Parise Foltran	
Dierone César Foltran Junior	
Reinaldo Afonso Mayer	
DOI 10.22533/at.ed.55619200829	
CAPÍTULO 30	331
UM OLHAR PARA A TRANSDISCIPLINARIDADE EM PROJETOS POLÍTICOS PEDAGÓGICOS DE ALGUMAS ESCOLAS PÚBLICAS DO DISTRITO FEDERAL	
Rosamália Otoni Pimenta Campos	
Vania Roseli de Alencar	
DOI 10.22533/at.ed.55619200830	
CAPÍTULO 31	343
UMA ANÁLISE DAS REFORMAS ATUAIS NO ENSINO MÉDIO BRASILEIRO: AMEAÇAS E RETROCESSOS	
Edna Sousa de Almeida Miranda	
Sandra Valéria Limonta Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.55619200831	

CAPÍTULO 32	355
UMA REVISÃO ACERCA DO (NÃO) EMPREGO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL EXPERIENCIAL AO AR LIVRE NO BRASIL	
Erich de Freitas Mariano	
Kelvy Fellipe Gomes de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.55619200832	
SOBRE OS ORGANIZADORES	368
ÍNDICE REMISSIVO	369

RELAÇÕES FAMILIARES NA CONTEMPORANEIDADE E CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE

Luciana Rios da Silva

Universidade Católica do Salvador – UCSAL
Programa de Pós-graduação em Família na
Sociedade Contemporânea
Salvador-Bahia

Elaine Pedreira Rabinovich

Universidade Católica do Salvador – UCSAL
Programa de Pós-graduação em Família na
Sociedade Contemporânea
Salvador-Bahia

Ivonete Barreto de Amorim

Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Educação
Serrinha- Bahia

RESUMO: A família contribui para a construção da identidade pessoal e coletiva dos sujeitos e pode ser entendida como uma forma de organização social persistente, tendo em vista sua capacidade de ajustar-se às novas exigências do meio. Considerando a liquidez e volatilidade próprios da sociedade contemporânea e presentes nas relações que se ancoram na criação de conexões e não na criação de vínculos, a fluidez institucional que dá lugar à incerteza, também abre espaço para que os indivíduos inventem sua própria configuração familiar, refletindo assim, na construção de sua subjetividade. O presente estudo buscou investigar como tem se desenvolvido essa

subjetividade na relação do sujeito com a família, diante do contexto contemporâneo, a partir das perspectivas de estudiosos que se debruçam sobre as categorias família, subjetividade e relações sociais. Para tanto, foram visitadas obras de Bourdieu (1996 e 1993); Donati (2011), Kehl (2013), Roudinesco (2003), Singly (2010), dentre outros. Os resultados apontam que o abandono moral a que os pais estão submetendo os filhos na contemporaneidade, pode comprometer a gestão equilibrada do complexo afetivo das crianças, gerando assim, indivíduos do cogito cartesiano, centrados em si mesmos, egóicos. Contudo, há que se alimentar o imaginário positivo da família contemporânea, alicerçado no fato desta não se configurar como um espaço definido pelo sentido da disciplina, rigidez patriarcal, mas que permite que seus membros conciliem a pertença comum com a singularidade de cada um.

PALAVRAS-CHAVE: Relações familiares; Sujeitos; Subjetividade.

O mundo está em constante movimento e evolução. O “sujeito” contemporâneo é, hoje, o que busca se distanciar da subjugação. Há uma nova forma de pensar, de julgar, de se relacionar, de se casar ou não, de viver a família, a natureza, a cultura e a história. Somos sujeitos de uma sociedade que

anuncia o respeito à diversidade, mas não conseguimos perceber o outro como pessoa, dotado de sentimentos. Os valores e comportamentos são de fato diversos, mas existe algo em comum: a cobrança por uma eficiência exacerbada em todos os âmbitos vivenciados, incluindo aí os relacionamentos perfeitos, compostos de momentos infalíveis de uma felicidade esvaziada para ser anunciada nas redes sociais.

A impressão é que o sujeito contemporâneo tornou-se incapaz de fazer investimentos afetivos. Cada um vive sua vida de forma individualista e permanece numa relação somente enquanto estiver conseguindo extrair algo de interessante para si mesmo (SILVA, 2009). A subjetividade passa a ter uma nova configuração. A existência, entendida como ser-com-os-outros, vai se esgarçando. É como se vivenciássemos o empobrecimento da humanidade devido à falta de vínculos. As pessoas estão investindo na criação de conexões, pois são mais fáceis de serem desfeitas. Daí, pode-se dizer que vivemos numa sociedade descartável, em que as trocas são feitas por conta de uma espécie de saturação e da constante busca pelo novo, acarretando em gradual perda da capacidade criativa.

Nessa perspectiva, Bauman (2007) apresenta o conceito de vida líquida para caracterizar a sociedade contemporânea. Para o autor, uma sociedade “líquido-moderna” é aquela em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que o necessário para a consolidação das formas de agir em hábitos e rotinas. Nesse sentido, Petrini (2009, p. 113) considera que, na contemporaneidade, “as relações são produzidas, consumidas, modificadas e postas de lado num incessante movimento de construção e desconstrução, que lembra a espuma produzida pelas ondas quando quebram na praia”. De um modo geral, as pessoas têm se comportado como se o vai e vem das relações pudesse preencher o vazio que carregam em si, como se o desamparo, a angústia ou a solidão, sintomas inerentes aos sujeitos, deixassem de ser estruturantes para se tornarem apenas traumáticos, distanciando-se da ideia de que o convívio com a frustração possibilita o desenvolvimento do sujeito.

A boa gestão do nosso complexo afetivo (emoções, sentimentos, paixões) constitui-se num desafio, sobretudo na contemporaneidade, quando se vivencia uma espécie de culto à liberdade de expressão. Sentir-se pertencente a uma determinada ordem – uma família, por exemplo – ajuda as pessoas a conterem seus impulsos, tendo em vista o poder simbólico que essa ordem institui. É um reforço à ideia freudiana de que a sublimação do instinto é a condição da civilização.

Quando se trata do mundo social, as palavras fazem o consenso sobre a existência e o sentido das coisas. A mesma palavra se refere a realidades diferentes. Tratando-se do vocábulo “família”, conceito é algo que escapa, mas inúmeras são as alusões ao termo. Para Roudinesco (2003), família, em sentido amplo, é um conjunto de pessoas ligadas entre si por casamento e filiação, ou ainda pela sucessão dos indivíduos descendentes uns de outros. Rabinovich (2017) chama de família quem se

ocupa/cuida das crianças – não necessariamente trazendo-as para a centralidade, mas cuidando delas como forma de sobrevivência. Roudinesco (2003) esclarece que, desde Lévi-Strauss, aceitou-se a ideia de família como um fenômeno universal que supõe uma aliança (o casamento) e uma filiação (filhos). Ainda a partir de Lévi-Strauss, pode-se considerar a família como a forma de organização social mais persistente, mesmo levando em consideração diferenças históricas e culturais.

Para Donati (2011), a palavra-chave para o conceito de família é reciprocidade. Em sua ideia, a família é aquele “sistema social vivente” que preside a reprodução primária da sociedade; no entanto, pra deixar de ser apenas um grupo social humano primário e passar a ser considerado de fato “família”, é necessário a existência da reciprocidade nas relações entre os sexos, com suas consequências sobre as gerações que transformam o mero grupo numa instituição social. Onde essa reciprocidade não existir, as relações permanecem no estágio da simples convivência.

Segundo Bourdieu (1996), a família é o produto de um verdadeiro trabalho de instituição, tanto ritual quanto técnico, que tenciona instituir duravelmente, em cada um dos membros da unidade instituída, sentimentos próprios com vistas à integração, condição necessária para a existência e persistência da unidade familiar. Ainda segundo Bourdieu (1993), para a compreensão da família como um grupo real em que os membros se unem por laços afetivos, deve-se considerar todo o trabalho simbólico e prático que tende a dotar cada um dos membros de um “espírito de família” gerador de devotamentos, generosidades e solidariedades. O trabalho de manutenção dos sentimentos fundamentados nesse espírito familiar “vem dobrar o efeito performativo da simples nomeação como construção do objeto afetivo e socialização da libido (a proposição “é tua irmã!” implica, por exemplo, a imposição do amor fraternal como libido social dessexualizada – tabu do incesto)” (BOURDIEU, 1993, pag. 04).

A família tem papel mediador e é considerada por alguns a célula constituinte da sociedade, auxiliadora na construção da identidade pessoal dos sujeitos. Na teoria bourdieusiana, a família é tanto imanente aos indivíduos (enquanto coletivo incorporado) quanto transcendente a eles. Para existir e subsistir, deve funcionar como um *campo*, com suas relações de forças física, econômica e, sobretudo, simbólica, podendo ser concebida tanto como categoria social objetiva quanto subjetiva, ao instituir signos e simbologias que contribuem mormente para a reprodução do poder simbólico.

O Poder Simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnosiológica (conhecimento humano) sobre o sentido imediato do mundo. Com efeito, é um poder invisível que só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem. “A família representa, um papel determinante na manutenção da ordem social, na reprodução, não apenas biológica, mas social, quer dizer, na reprodução

da estrutura do espaço social e das relações sociais” (BOURDIEU, 1993, p. 04).

O discurso comum (individual e coletivo ao mesmo tempo) colocado pela família sobre os modelos ideais das relações humanas tende a funcionar como princípio de construção e de avaliação de toda relação social, pautado em uma realidade coletiva. Para Bourdieu, o discurso que a família tem sobre si é o de que, sendo uma unidade doméstica,

[...] é concebida como um agente ativo, dotado de vontade, capaz de pensamento, de sentimento e de ação e fundado sobre um conjunto de pressuposições cognitivas e de prescrições normativas referentes à boa maneira de viver as relações domésticas: universo onde estão suspensas as leis ordinárias do mundo econômico, a família é o lugar da confiança (*trusting*) e do dom (*giving*) – em oposição ao mercado. (BOURDIEU, 1993, p 02)

A função da família vem sofrendo, ao longo da história, transformações que afetam sua dinâmica de funcionamento e refletem as mudanças estruturais da sociedade em diversos momentos históricos. Embora sofra fortes influências políticas, econômicas, sociais e culturais que ocasionam mudanças nos papéis e nas relações em seu interior, a família possui uma grande capacidade de ajustar-se às novas exigências do meio. Roudinesco (2002) salienta três grandes períodos de evolução da família ao longo da história: a tradicional, a moderna e a contemporânea ou pós-moderna.

A família tradicional caracterizava-se pelo fato dos indivíduos estarem a serviço do grupo. Nesse modelo, conforme esclarece Roudinesco (2002), primava-se pela transmissão do patrimônio, pelo arranjo de casamentos (para pessoas com idade bem jovem) e pela ordem imutável submissa a uma autoridade patriarcal. O universo familiar era grande e a interferência dos parentes na vida privada era algo naturalizado. “Nesse ambiente cultural, a família era considerada como o lugar da reprodução de uma mentalidade conservadora, contrária à revolução, à militância política e às inovações culturais” (PETRINI, 2009, p. 113).

Com o advento da família moderna burguesa, a individualidade foi tomando o espaço da coletividade. Segundo Singly (2010), embora a sociedade já estivesse anunciando mudanças desde a Revolução Francesa, é a partir do final do século XIX que emerge a família moderna 1 (assim considerada pelo autor), caracterizada pelo fortalecimento do individualismo em que o todo (no caso, a família) está a serviço de cada um dos membros. No Brasil, naquele período, o desenvolvimento das cidades e da vida burguesa influenciou não só o modo de vida das pessoas, mas até a arquitetura das residências, procurando tornar o convívio familiar mais íntimo, mais aconchegante, o que poderia também significar, segundo Kehl (2013), uma forma encontrada pela família nuclear burguesa, privatizada, excluída do convívio das ruas, de garantir a preservação e transmissão dos privilégios de classe.

Na família moderna, os laços de parentesco baseiam-se menos na propriedade e as “coisas” deixam de ser o que une a sociedade doméstica. Nesse contexto, são as relações humanas e os aspectos afetivos que alimentam o espírito familiar.

Funda-se sobre o amor romântico, sancionado pelo casamento, a reciprocidade dos sentimentos e dos desejos carniais. Também fortalece a divisão do trabalho e visualiza a criança como um sujeito cuja nação deve assegurar a educação (ROUDINESCO, 2002). A família moderna, ou nuclear, começa a assumir outra estrutura no sistema de relações que a diferencia da família tradicional, deixando de ser apenas uma unidade econômica e passando a valorizar as relações interpessoais entre homens e mulheres, pais e filhos. A atribuição de autoridade se torna um processo de divisão contínua entre o Estado e os pais.

A família conjugal, dita nuclear ou estreita, é a finalização de uma longa evolução, do século XVI ao XVIII, no decorrer da qual o núcleo pai/mãe/filhos se destaca do que constituía outrora as famílias: um grupo que incluía outros parentes, os próximos, os amigos, os domésticos (ROUDINESCO, 2002). A partir do século XVIII, a família ocidental deixa de estar fundada sobre a soberania divina do pai e se dobra à irrupção do feminino. Foi então, a partir da burguesia, que a família se transformou em uma célula biológica que atribuía à maternidade um lugar central (ROUDINESCO, 2002). Um dos elementos que contribuíram para o declínio do poder paterno provém da lógica da própria sociedade onde a burguesia moderna se instalara. A demanda do mercado de trabalho possibilitou a ampliação da presença da mulher também no campo profissional, eliminando, assim, parte da dependência econômica feminina, e diminuindo, dessa forma, o poder dos homens no casamento patriarcal. Para Roudinesco (2002), a paternidade também sofre muitas fragmentações, fazendo emergir uma nova figura paterna: um pai igualitário, que se submete à lei e aos direitos humanos.

Já no século XX, a família contemporânea ou pós-moderna, desde os anos 1960, caracteriza-se pela união ter duração relativa e também pela desprivatização da família. A sociedade contemporânea, regida pela ótica mercadológica do consumo de busca incessante pela sensação de bem estar, prazer e satisfação imediata de todos os desejos, afirmou ainda mais o amor e a realização sexual como fundamentos legítimos para as uniões conjugais. Essa perspectiva atribui certa liberdade para escolha dos sujeitos; atrelada a esta liberdade, a possibilidade de corrigir seu próprio destino, um sem número de vezes, considerando a liquidez e volatilidade das relações que se ancoram na criação de conexões, e não de vínculos. Diferente dos vínculos, as conexões não mantêm a mesma forma por muito tempo; por isso, são mais fáceis de serem desfeitas, e a fluidez institucional, que dá lugar à incerteza, também abre espaço para que o indivíduo invente sua própria configuração familiar.

Outra mudança a ser considerada, e que influencia características da família contemporânea, diz respeito à popularização dos meios de comunicação que comprometeram a privacidade das famílias, condição que garantia, de certa forma, a transmissão de valores e padrões dos mais velhos aos mais jovens. O fato das relações estarem mais voláteis também permitiu a entrada, na família, de adultos, adolescentes e crianças vindos de outras famílias, como forte marca

da desprivatização familiar. Sobre esse aspecto, é importante salientar a ideia de família tentacular apresentada por Kehl (2013), resultado das separações e novas uniões efetuadas ao longo da vida dos adultos, diferenciando fortemente este modelo daquele nuclear que aos poucos vai perdendo a hegemonia.

A família tentacular contemporânea, menos endogâmica e mais arejada que a família estável no padrão oitocentista, traz em seu desenho irregular as marcas de sonhos frustrados, projetos abandonados e retomados, esperanças de felicidade das quais os filhos, se tiverem sorte, continuam a ser portadores. Pois cada filho de um casal separado é a memória viva do momento em que aquele amor fazia sentido, em que aquele par apostou, na falta de um padrão que corresponda às novas composições familiares, na construção de um futuro o mais parecido possível com os ideais da família do passado. (KEHL, 2013)

A esse respeito, a autora afirma ainda que as mudanças provocadas pelas possibilidades de escolhas cobram seu preço em forma de desamparo e mal-estar, uma vez que a família deixou de ser uma sólida instituição para se transformar num agrupamento circunstancial – e algumas vezes precário – regido pela lei dos afetos e dos impulsos sexuais. Sobre o referido mal-estar, Kehl (2013) esclarece que o mesmo é oriundo da dívida que achamos ter para com os nossos, e por isso nos cobramos “ao comparar a família que conseguimos improvisar com a família que nos ofereceram nossos pais. Ou com a família que nossos avós ofereceram a seus filhos. Ou com o ideal de família que nossos avós herdaram das gerações anteriores” e que pode ou não ter sido realizados.

Nesse sentido, embora estejamos em uma nova configuração sociocultural ocasionada pelas constantes mudanças da sociedade contemporânea, nos sentimos em dívida com o modelo de família burguesa idealizado e não mais sustentável, salvo às custas de renúncias e infelicidade dos membros familiares. Salientando que a família nuclear é, na maioria das sociedades, uma experiência minoritária, Kehl (2013) lembra que “a família estruturada que ocupa nossas fantasias nostálgicas produziu a histeria como sintoma do desajuste das mulheres em relação ao lugar que lhes era destinado e aos ideais de feminilidade, impossíveis de se sustentar”.

As relações impregnadas de subjetividade trazem à tona a essência relacional dos seres humanos: na busca de uma completude, ao conferir ao desejo um novo status, ela faz da família uma necessidade da civilização, repousando sobre uma espécie de “contrato de trabalho” e sobre o poder do amor (ROUDINESCO, 2002). A família é julgada como necessária a toda forma de rebelião subjetiva. Inspirada em Mafesoli, Rabinovich (2017) considera que estamos deixando a homogeneidade e a racionalidade da sociedade moderna, pautadas por idéias de estabilidade, para abraçar a heterogeneidade emocional da pós-modernidade. É uma concepção relacionada ao declínio do modelo patriarcal em detrimento da emancipação da subjetividade.

A proposição é que a subjetividade dos sujeitos é constantemente esculpida, sendo uma pré-condição para a produção psicológica do Eu. É uma propriedade

primária e coemergente do sistema que pode ser transformada à medida que nos movemos através da vida, além de ser constituída pela pessoa e seu ambiente social, histórico e cultural, criando uma posição única no mundo, com margem para a reinvenção contínua.

As escolhas que fazemos, e que podem ser mais ou menos deliberadas e reflexivas, são expressões da nossa subjetividade: exigem a externalização, em uma configuração específica no tempo e no espaço, do nosso posicionamento pessoal – estando em aparente conformidade ou rejeição com as normas dominantes. Nesse sentido, as formas únicas de lidar com cada situação podem ser vistas como a subjetividade emergente. Cada memória é transformada de acordo com a orientação cultural da pessoa, considerando o presente e sua bússola para o futuro. Relacionamos coisas ou acontecimentos similares ou não, em tempos diferentes, a partir dos vestígios que deixaram em nossos corpos e mentes. As marcas deixadas em cada um de nós têm formas diferentes, pois somos singulares. Irmãos que vivem ou viveram em mesmo contexto familiar guardam marcas diferentes sobre as mesmas experiências, ratificando a ideia de que as pessoas nunca terão duas vezes a mesma experiência, duas vezes a mesma memória, conhecimento ou esperança. Cada acontecimento é singular.

A família é uma das instituições em que mais acontece o acúmulo e a transmissão do capital sob suas diferentes espécies. Unidas não somente pela afinidade do *habitus*, mas também pela solidariedade dos interesses, tanto pelo capital quanto para o capital, não somente o econômico, mas também o simbólico (BOURDIEU, 1989) e, sobretudo, o social. O traçado subjetivo emerge do desajuste e das tensões dos vários componentes que integram o *habitus* dos sujeitos, a exemplo das interações oriundas do mundo social (constituído pela presença e interação com os outros) e das próprias experiências vivenciadas, isto é, o que a pessoa sentiu, fez, apreciou, sofreu, aprendeu ou refletiu.

Ao longo de sua trajetória de vida, esse sujeito tende a se aproximar de algumas ideias e/ou dar mais importância a outras, numa dinâmica lastreada pelo desenvolvimento das várias escalas do seu período da vida. Desse modo, é importante que tenha referências concretas sobre os parâmetros éticos e valores humanitários, tendo em vista a possibilidade de negociação ou reconfiguração das posturas pessoais a partir de contextos complexos. Também é importante realizar o movimento de reflexão sobre as ações ou experiência, sinalizando, assim, o surgimento do Eu/sujeito através da valorização de um corpo de sentimentos (ZITTOUN, 2012). No entanto, cabe salientar que as ações, pensamentos e decisões das vidas das pessoas não resultam apenas do que foi, mas também do que ainda não foi dado. Ora, o fluxo pessoal inclui memórias e, portanto, antecipação e esperanças.

A pessoa coexiste na relação com o outro; é a partir dessa relação que sua condição de sujeito alinha-se com a singularidade. A socialização primária do Eu, entendida como a que ocorre no meio familiar, fortalece a ideia de ser no mundo,

ser com os outros. “Ter quem lhe seja próximo, estar rodeado de afeto, ser capaz de fazer qualquer coisa ‘com’ não só cria o sentimento de pertença como reforça a própria identidade” (SINGLY, 2010, p. 8).

A subjetividade nasce das interações da pessoa e é pertinente que a mesma vivencie experiências prazerosas, assim como tensões, angústias e frustrações, para se estruturar enquanto sujeito. A criança precisa necessariamente ter sua alteridade estimulada. Compreender que há espaço para si e para o outro, pois o seu *self* também se constitui a partir do reconhecimento do outro. Muitos adultos colocam as crianças em condição de abandono, não por falta de amor ou por não suprir suas necessidades essenciais, mas por “excesso de amor”: quando não compreendem a frustração como algo estruturante do sujeito, permitem que os infantes façam o que querem, da forma como querem. É também abandono pela ausência de limites, por deixá-los agir a partir dos próprios impulsos. O abandono sofrido pelas crianças mimadas de hoje – qualquer que seja a composição familiar a que pertençam – é o abandono moral capaz de gerar muitas famílias desestruturadas.

A patologia da família que representa a si mesma como desestruturada – isto é, que não consegue confiar na estrutura criada a partir de suas necessidades e deslocamentos afetivos – está relacionada à omissão da geração parental em relação à educação dos filhos, sejam eles seus consanguíneos ou não. (KEHL, 2013).

O abandono moral a que muitas estão submetidas na contemporaneidade pode comprometer a gestão equilibrada do complexo afetivo dessas crianças, gerando, assim, adultos inconsequentes, com postura narcisista, incapazes de alimentar vínculos sadios ou de saírem ilesos de uma frustração. Crianças que sofrem abandono moral não conseguem compreender que o ser humano é essencialmente relacional. Tornam-se indivíduos do *cogito* cartesiano, centrados em si mesmos, egóicos.

O olhar do adulto sobre a criança, para além do arranjo familiar em que se vive, precisa ter responsabilidade e compromisso com sua educação. Somando-se aos cuidados familiares, diante do contexto sociopolítico nacional, as responsabilidades públicas também devem ser restauradas, pois, sendo a família “um artefato social [...] produzida e reproduzida com a garantia do Estado, ela recebe, a cada momento, do Estado, os meios de existir e de subsistir” (BOURDIEU, 1993, p. 07)

Contudo, há que se alimentar o imaginário positivo da família contemporânea, alicerçado no fato desta não se configurar um espaço definido pelo sentido da disciplina, rigidez patriarcal, e permitir que seus membros conciliem a pertença comum com a singularidade de cada um. Nesse sentido, para Singly (2010), assim como para Rabinovich (2017), uma família boa é um grupo que permite a pequenos e grandes um tipo de reconhecimento particular: uma solicitude pessoal e um apoio por parte dos outros significativos, acompanhados pelo cuidado. Esse apoio requer competências e práticas capazes de implementar novas normas que acolham a família, independente da orientação sexual dos pais.

REFERÊNCIAS

BAUMAN. Z. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BOURDIEU, Pierre. O espírito de família. In: *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 1996. p. 126.

BOURDIEU, Pierre. À propos de la famille comme catégorie réalisée. In : *Actes de la recherche en sciences sociales*. Vol. 100, décembre 1993. pp. 32-36. http://www.persee.fr/revues/home/prescript/article/arss_0335-5322_1993_num_100_1_3070. (Trad. Elaine Pedreira Rabinovich)

DONATI, Pierpaolo. *Famílias no Século XXI: abordagem relacional*. São Paulo: Paulinas, 2011.

KEHL Maria Rita. *Em defesa da família tentacular*. Fronteiras do Pensamento, 2013. <http://www.fronteiras.com/artigos/maria-rita-kehl-em-defesa-da-familia-tentacular>

PETRINI, G. Significado social da família. *Cadernos de Arquitetura e Urbanismo* (PUCMG), v. 16, p. 111-121, 2009.

RABINOVICH, Elaine Pedreira. *Família e subjetividade*. 08 mar. 2017, 22 jun. 2017. Notas de Aula.

ROUDINESCO, E. *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SILVA, Luciana Rios da. As representações sociais de adolescentes sobre os afetos na relação professor-aluno e suas implicações no processo ensino-aprendizagem. *Revista da FAEEDBA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 18, n. 32, p. 1-250, jul./dez. 2009

SINGLY, François. *Sociologia da Família Contemporânea*. Lisboa: Texto e Grafia, 2010

ZITTOUN, Tania. *On the Emergence of the Subject*, 2012.

SOBRE OS ORGANIZADORES

KEYLA CHRISTINA ALMEIDA PORTELA - Secretária Executiva formada pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Licenciada em Língua Inglesa e Espanhola pelo Centro Universitário de Varzea Grande – UNIVAG. Especialista em Linguística Aplicada pela Unioeste, Especialista em Gestão de Processos e qualidade pela Uninter, Especialista em Recursos Humanos pela Uninter, Especialista em Gestão de projetos pela Uninter, Especialista em Gestão e Docência em Ead pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Especialista em Didática do Ensino Superior pela Unipan, Especialista em Formação de professores pela UTFPR. Especialista em MBS – Master Business Secretaries pela Uninter. Mestre em Educação pela Universidade de Lisboa e Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCSP). Desenvolve trabalhos nas áreas de educação, ensino e gestão. Atualmente é docente do Instituto Federal do Paraná – Campus Assis Chateaubriand. E-mail para contato: keylaportela@bol.com.br

ALEXANDRE JOSÉ SCHUMACHER – Secretário Executivo formado pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE; Bacharel em Administração de Empresas com Habilitação Administração Hospitalar; Tecnólogo em Comércio Exterior; Doutor com menção internacional em Economia e Direção de Empresas; Tese resultante do processo de doutoramento foi premiado internacionalmente no prêmio “Adalberto Viesca Sada” pela Universidade de Monterrey no México no ano de 2015; possui Mestrado em Administração de Empresas; Especializações Lato Sensu em: Comércio Exterior para Empresas de Pequeno Porte; Docência no Ensino Superior; Administração e Marketing; MBA em Planejamento e Gestão Estratégica; MBA em Administração e Gerência de Cidades; Gestão Escolar; Administração em Agronegócios.. Já atuou como consultor em grupos empresariais em setores específicos; realiza palestras em conferências em temas específicos relacionados a sua área de formação e de desenvolvimento de pesquisas. É Pesquisador de temáticas relacionadas com as empresas familiares e suas dinâmicas. É Practitioner em PNL e Hipnose Moderna. Atualmente é docente do Instituto Federal do Paraná – Campus Assis Chateaubriand. E-mail para contato: alexandre.jose.schumacher@gmail.com

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agentes Comunitários de Saúde 98, 101, 106, 107

Agrotóxicos 2, 3

Aprender pela Experiência 174

Atenção Primária à Saúde 35, 36, 39, 40, 43, 44

B

Business Intelligence 109, 110, 114, 115

C

Cidadania Planetária 99, 107, 108

Contextos socioculturais 185

D

Desempenho Acadêmico 109

E

Educação 2, 5, 9, 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 23, 26, 33, 34, 35, 41, 53, 56, 61, 66, 70, 74, 76, 77, 78, 80, 87, 98, 99, 107, 108, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 139, 146, 147, 148, 159, 164, 169, 170, 171, 175, 176, 183, 197, 198, 201, 202, 207, 211, 213, 214, 216, 217, 218, 221, 225, 226, 228, 230, 231, 232, 234, 236, 242, 243, 245, 253, 254, 263, 265, 268, 274, 275, 276, 286, 295, 297, 298, 301, 302, 305, 306, 307, 313, 323, 324, 325, 327, 329, 332, 333, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 343, 344, 345, 347, 348, 349, 350, 351, 353, 354, 355, 356, 360, 361, 363, 364, 365, 366, 367, 368

Educação de Jovens e Adultos 3, 74, 197, 198, 201, 216

Educação em Saúde 35

Educação Feminina 23, 34

Educação Matemática Inclusiva 78

Empreendedorismo 202

Enfermagem 35, 43, 44, 254

Escola técnica 202

Estado do Conhecimento 66

Estágio Supervisionado 197, 198, 201

F

Formação de Professores 66, 76, 229, 274, 287, 288, 321, 351

G

Gestão da Informação 109, 111, 112

I

Identidade Docente 66

L

Livros paradidáticos 135, 148

M

Metodologias ativas de aprendizagem 7, 45

Método Psicanalítico de Pesquisa 185

O

Observatório da Educação 78, 80

P

Pensamento Complexo 99, 101

Planejamento 35, 133, 171, 295, 320, 326, 368

Política Educacional 125, 229

Práticas agroecológicas 2

Práticas Docentes 218

Processos clínicos 185

Professor universitário 160

Promoção à Saúde 35

R

Relações familiares 245

S

Sistemas de Informação 109, 113

Subjetividade 224, 229, 245

Sujeitos 245

T

Técnicos em Assuntos Educacionais 125, 126, 127, 129, 130, 134

Tecnologia da Informação 109, 113

Transferência-construtivista 185

Transgeracionalidade 174, 184

Transmissão Psíquica 174

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-555-6

